

## O complexo de vira-lata e o vira-lata complexo

Marcelo Henrique Marques de Souza<sup>1</sup>

É preciso viver o deserto  
tal como ele se reflete no interior do vagabundo.  
(Gaston Bachelard, *A poética do espaço*, p. 209)

Este é o país onde há a maior possibilidade  
de se criar um mundo inteiramente novo.  
Caos não falta.  
(Millôr Fernandes, *A bíblia do caos*, p. 65)

Somos estrangeiros  
Onde quer que moremos.  
(Fernando Pessoa, *Poesia de Ricardo Reis*, p. 126)

**Resumo:** Nelson Rodrigues detectou um sintoma do brasileiro, que chamou de “complexo de vira-lata”: tendência de se inferiorizar diante do que é proveniente de outras nações. Porém, tão evidente quanto este complexo é a tendência antropofágica, anotada por Oswald de Andrade: uma mistura entre a autodepreciação e a ironia canibal. Como o mundo está mudando, as fronteiras estão perdendo força e só resistem enquanto arbítrio pontual para mediar conflitos, exige-se de todos uma postura cada vez mais flexível. Flexibilidade que o brasileiro conhece bem, especialmente no que se refere ao notório *jeitinho*, que MD Magno situa com abrangência ao apontar para uma *heterofagia*. Assim, mais do que nos cães com pedigree do chamado “mundo desenvolvido”, pode estar no vira-lata brasileiro a pista para entender o tipo de época em que o século XXI está entrando.

**Palavras-chave:** Nova Psicanálise; Complexo de vira-lata; Teorias da comunicação.

**Abstract:** The playwright Nelson Rodrigues coined the term “mutt complex” to depict an obvious symptom: the inferiority in which Brazilians voluntarily place themselves in front of the rest of the world. However, as obvious as such a complex is also the Brazilian anthropophagite tendency, noted by Oswald de Andrade: a mix of self-deprecation and cannibal irony. As the world is changing, boundaries are losing strength and only stand as provisional arbitrations to mediate conflicts. So we are required an increasingly flexible approach to every event. Flexibility that is familiar to

<sup>1</sup> Mestrando (PPGCOM/UFJF).

the Brazilians: the notorious *jeitinho* (biased little ways to arrange things), which MD Magno analyses within his concept of *heterofagia*. This indicates that, beyond the “developed world” pedigree dogs, the Brazilian mutt may be a better indication to understanding what kind of era we are entering in the 21<sup>st</sup> century.

**Keywords:** New Psychoanalysis; Mutt complex; Communication theories.

Nelson Rodrigues inventa a expressão “complexo de vira-lata” num contexto específico, o da viagem da seleção brasileira para a disputa da copa do mundo de 1958, na Suécia. Na crônica em que inventa a expressão, o autor declara que o sentimento do brasileiro, em relação àquela copa, oscilava entre o pessimismo e a esperança (Rodrigues, 1993, p. 51), e que a causa desse comportamento estaria no tal complexo. Diz ele: “por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo” (idem). Voltaremos a esta definição.

A proposta, aqui, é partir de um deslocamento. O complexo de vira-lata apontado por Nelson Rodrigues é de fato um sintoma que comparece no caso brasileiro. Entretanto, a ideia corrente que se tem sobre nossa viralatice parece não contemplar o outro lado da mesma moeda. Para chegar a ele, é preciso, inicialmente, compreender que, apesar de denunciar o complexo, Nelson Rodrigues não escapa de ser, ele também, um sintoma de seu tempo. O que exige um olhar atento, não só para a época em que a crônica foi escrita, como também para o texto do autor e, principalmente, para o sentido mais genérico da expressão “vira-lata”, que pode nos dar boas pistas sobre o que o Brasil tem para nos ensinar sobre o mundo de hoje.

Temos então que, se o “complexo de vira-lata” é de fato uma das causas do dito sentimento de inferioridade do brasileiro em relação aos outros povos, a análise de Nelson não escapa, por isso, de ser consequência de certo tipo de olhar, que comparecia na época. A ilusão daquele momento, final da década de 50 do século passado, ainda estava por demais impregnada pela frequência sintomática das ideias de “pai” e “pátria” (não por acaso palavras parentes). Eram ilusões recorrentes na época, típicas de Terceiro Império<sup>2</sup>. Era importante defender a ideia da honra de ser filho de uma pátria e Nelson, mesmo sendo artífice de uma obra que nada tinha de

---

<sup>2</sup> Sobre o tema dos Cinco Impérios, ver (Magno, 1999), p. 205-207, especialmente, no que diz respeito ao Terceiro Império, p. 206.

conservadora para a época, não deixava de sintomatizar isso. Chega a afirmar, no mesmo texto, que “é de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo” (Rodrigues, 1993, p. 51).

O próprio Nelson, porém, chama a atenção para outro dado da questão, ainda na mesma crônica. Ele diz que

qualquer jogador brasileiro [a partir do contexto da obra do escritor, podemos estender a colocação para todos os brasileiros, para além dos gramados], quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção” (Rodrigues, 1993, p. 51).

O que atrapalha, o que inibe, ainda segundo ele, é apenas a presença marcante do tal complexo de inferioridade.

Mas será que a viralatice se esgota na ideia do sentimento autodepreciativo? Essa tendência, de considerar tudo o que vem de outros países, mais marcadamente dos países da Europa e dos EUA, com atenção redobrada e uma aparente subserviência, é absolutamente passiva? Ou o comportamento dito vira-lata guarda algo que não foi explorado por nosso dramaturgo? Vale testar esta tese.

O vira-lata não aparece no diagnóstico de Nelson à toa. Segundo o Aurélio, vira-lata é “o cão que não é de raça” (Ferreira, 2000, p. 713). Além de não ser “de raça”, o vira-lata possui os “agravantes” de morar nas ruas, sem um lar fixo, e de se alimentar de restos nas cidades em que perambula. O olhar de Nelson, influenciado pela ideia da *filiação* como algo positivo – como se vê em sua declarada afeição pelo patriotismo –, não escapou de usar a metáfora do vira-lata para representar as inibições brasileiras. Entretanto, isso não deixa de ser um sintoma. E ainda que o diagnóstico do autor faça sentido sob certo ponto de vista, é possível que ele tenha ignorado outra faceta da metáfora, que vale a pena explorar. Para isso, situaremos, antes, três pontos importantes, sobre a atualidade.

## 1

Em primeiro lugar, hoje estamos numa outra época, com diferenças marcantes para com aquela. Ao contrário do que ainda ocorria lá no tempo do texto de Nelson, atualmente ‘pai’ e ‘pátria’ não são mais referentes hegemônicos. Foram, aos poucos,

perdendo sua força recalcante, para dar lugar a outras formações<sup>3</sup>. Essas novas formações são dotadas de maior flexibilidade, à medida que passamos a viver num processo que “passa a desmanchar os fundamentos e as crenças” (Magno, 2012, p. 14): é o que Magno chama de “Quarto Império”, o “Império do Espírito” (id., p. 13), que dissolve as fronteiras do Terceiro, para dar lugar a uma nova realidade, com vocação mais oscilante e menos “dura”. Nesse novo contexto, e a partir do exercício da “função analítica”<sup>4</sup>, temos que considerar que a fala de nosso dramaturgo ainda carregava, sutilmente, o referente da pátria em seu “rol de formações”<sup>5</sup> recalcentes. Em outras palavras, Nelson via a condição de vira-lata como um “complexo”, no sentido psiquiátrico do termo, porque ainda estava impregnado por certas demandas típicas de Terceiro Império, mais especificamente, para o que aqui nos interessa, a demanda patriótica.

Não vivemos mais na década de 50 do século passado. Estamos adentrando os umbrais do Quarto Império (Magno, 2012, p. 14). E o esfacelamento dos referentes fixos atinge também as fronteiras geográficas – tanto no sentido das trocas políticas e culturais, quanto naquilo que a filiação nacional tinha de capricho identitário. Assim como, por exemplo, os países da União Europeia vão relativizando, aos poucos, a condição de “estrangeiro”<sup>6</sup> – o que gera um aumento dos fluxos de pessoas pelos países –, a própria ideia de uma origem absolutamente vinculada a uma nação também perde terreno para visões mais arrojadas e condizentes com a atualidade e as novas descobertas. É o caso do que destaca o professor francês de geografia física Hervé Regnauld, em artigo seu intitulado “Habitar a mobilidade” (in Grelet, 2011, p. 98-101), nosso segundo ponto.

## 2

Regnauld denuncia a neurose que caracteriza a identificação com o Estado-nação e alerta para o fato de que “um território pode servir de base para um jogo de obrigações específicas, mas isso não lhe garante um destino que sirva de pretexto a

<sup>3</sup> Sobre “hegemonia das formações” e “formações recalcentes”, ver (Magno, 2012, p. 121-122).

<sup>4</sup> Sobre a “função analítica”, ver (Magno, 2012, p. 78-79).

<sup>5</sup> Sobre o “rol de formações”, ver (Magno, 2012, p. 79-80).

<sup>6</sup> “Conforme estipulado no Tratado de Maastricht, qualquer pessoa que tenha a nacionalidade de um Estado-membro é considerada cidadã da União [Europeia]”. Ver mais em: [http://europa.eu/legislation\\_summaries/institutional\\_affairs/treaties/amsterdam\\_treaty/a12000\\_pt.htm](http://europa.eu/legislation_summaries/institutional_affairs/treaties/amsterdam_treaty/a12000_pt.htm)

seus habitantes para alguma particularidade identitária” (in Grelet, 2011, p. 98). Ele propõe abandonar a ideia de identidade nacional, porque a vinculação cristalizada e inflexível ao lugar é “supersticiosa” e alimenta implicações reacionárias (id., p. 99). O autor reitera que “reivindicar uma identidade é paralisar o espaço para limitá-lo” (id., p. 98), apontando que sua “proposta, referencialmente, é habitar a mobilidade” (id., p. 100), para então completar da seguinte forma: “a única cidadania consiste em se ter o direito inalienável de habitar qualquer lugar, mas como quem está de passagem, como um algoritmo atravessando um pixel e deixando-o mudado, mas disponível para uma outra mudança” (id., p. 101).

A partir dessa posição, não faz mais sentido falar em um *sujeito nacional* ou *regional*, por exemplo. Como situa Araujo, é preciso deslocar a ideia dos espaços físicos vistos a partir de qualquer critério de fronteira, seja ela “física, mental, cultural, étnica, linguística, financeira ou tecnológica” (id., p. 104) – o que se estende de forma evidente aos critérios ligados às filiações nacionais. Segundo a autora, “a ideia de sujeito situa, centraliza e paralisa a rede e os fluxos de (in)formação” (id., p. 103), o que mostra que a ideia do “sujeito brasileiro” não passa de resto sintomático de Terceiro Império, que só resiste na nostalgia dos que ainda não entenderam muito bem o que se passa atualmente. Pois vale então provocar: quem se enquadra melhor no direito inalienável de habitar qualquer lugar, como quem está de passagem, senão o vira-lata? Antes do terceiro ponto, voltemos um pouco no tempo.

O poeta Oswald de Andrade já sabia que estávamos em vias de superar a lógica anterior. Não é à toa que escreve, em seu “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, publicado em 1924, que “os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas” (Andrade, 2013, p. 1). E não por acaso é taxativo, no mesmo texto: “nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo” (id., p. 2). Prenunciava a entrada do Quarto Império e, de quebra, destacava a importância da condição brasileira nesse contexto, especialmente na forma como propôs a sua ideia da “antropofagia cultural”, que é, basicamente, a percepção de que o brasileiro não assimila o que vem de fora de uma forma apenas passiva; ao contrário, na maioria das situações, o que ocorre é uma espécie de “regurgitofagia”<sup>7</sup>, ou o que Magno desloca como “heterofagia”<sup>8</sup>, que

---

<sup>7</sup> A palavra surge pela lembrança da peça de mesmo nome, de autoria de Michel Melamed, que estreou em 2004, e que põe em questão o mesmo tema da “brasilidade”.

nasce da devoração dos conteúdos impostos de fora, que então são vomitados no momento seguinte, na forma de sínteses deslocadas. Ou seja, “uma disponibilidade para percorrer as formações desde que não se tenha que ficar aprisionados a elas” (Magno, 2005, p. 345). Nas palavras do poeta Haroldo de Campos,

assimilar sob espécie brasileira a experiência estrangeira e reinventá-la em termos nossos, com qualidades locais ineludíveis que dariam ao produto resultante um caráter autônomo e lhe confeririam, em princípio, a possibilidade de passar a funcionar por sua vez, num confronto internacional, como produto de exportação<sup>9</sup>.

Segundo Caetano Veloso, a antropofagia de Oswald é algo que “pode ter ficado calado no inconsciente brasileiro desde sempre, mas foi ‘dito’” (Veloso, 2012, p. 58). É uma boa pista para entender porque a viralidade do brasileiro foi quase sempre recalcada de sua percepção mais abrangente. Como podemos verificar na crônica de Nelson Rodrigues, ser vira-lata no Terceiro Império era tido como demérito.

Estamos, entretanto, na entrada do Quarto Império. Que Oswald prenuncia, no final de seu Manifesto Antropofágico: “contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitências”<sup>10</sup>. Em nosso tempo, todas as fronteiras são vistas como opressoras. Mesmo que muito ainda sobre de resto sintomático do Terceiro Império. E parece que esse afrouxamento comparece de forma especial no caso brasileiro. Senão vejamos, através de um exemplo.

Aconteceu na Olimpíada do ano de 2012, em Londres. As meninas do vôlei brasileiro venceram a competição e conquistaram a medalha de ouro. Na cerimônia de entrega das medalhas, deu-se, então, uma cena das mais curiosas, tipicamente de Quarto Império. As japonesas ficaram com o bronze e as estadunidenses com a prata. E então, no momento em que o locutor do evento anunciou a entrega das medalhas das japonesas, as brasileiras puxaram um coro de “Nipon!, Nipon!, Nipon!”, exaltando as atletas daquele país; e, logo a seguir, fizeram o mesmo com as meninas dos EUA: “USA!, USA!, USA!” (em inglês). As jogadoras das outras seleções pareciam

<sup>8</sup> Sobre a ideia de “heterofagia”, ver (Magno, 2005, p. 349, 357, 364 e 382); e, do mesmo autor, “NEUROBRÁS”, p. 4 (acesso em 19 de agosto de 2013).

<sup>9</sup> Citado por (Veloso, 2012, p. 54).

<sup>10</sup> Citado em (Bopp, 2008, p. 139).

não entender direito aquilo e algumas delas demonstraram, inclusive, um nítido constrangimento, já que o protocolo estava sendo quebrado pelas brasileiras.

As brasileiras só fizeram isso porque, como bem mostra Oswald, no imaginário de cá as fronteiras fixas e delimitadas pelos mapas fazem muito menos sucesso do que por lá. A sintomática brasileira parece bem mais aberta do que essas convenções podem dar conta. Contém, na verdade, uma ausência de vínculo retesado, vínculo esse que acaba por vigorar muito mais no campo da ironia do que no do orgulho. Ser brasileiro, ao que parece, é 'não-ser país'. É atuar por sínteses que superam essas marcações, em prol de uma terceira coisa que é para além do que a ideia de "país" pode conter. Há algo de "vagabundo" em nossa sintomática, na rede de formações que atua no imaginário de cada pessoa daqui.

Em seu livro "História do Brasil Vira-lata", Aurélio Shommer traça um rigoroso enquadramento das bases tradicionais que explicam o "complexo de vira-lata" apontado por Nelson Rodrigues. Boa parte dos mitos que se criaram em relação aos portugueses, aos índios e aos negros, bases da mistura brasileira, é abordada de forma crítica pelo autor. Que chega, inclusive, a defender a "miscigenação" e a "mestiçagem" (Shommer, 2012, p. 62) e uma propensão nossa à interculturalidade, herdada dos portugueses (id., p. 148), como elementos positivos do que passamos a ser com o tempo. Entretanto, falta na obra um deslocamento mais arrojado em relação à visão de Nelson sobre a vira-lata como mero sentimento de inferioridade. Shommer produz uma espécie de genealogia dos aspectos de autodepreciação ligados à condição de "vira-lata", mas não enxerga nessa mesma referência seu outro lado. Pois vamos a ele.

Retomando o cão vira-lata, sabemos, como já foi colocado, que ele não possui "raça", mora nas ruas e se alimenta de restos. É um animal que vive da necessidade de se movimentar, de "habitar a mobilidade", sob pena de sucumbir aos problemas gerados pela solidão das ruas. E o fato de nunca ter sido um "cachorro de madame", com pedigree e cercado de mimos, parece ser uma vantagem para o vira-lata, em sua sina nômade a desgarrada. O vira-lata, ao que parece, é um bicho típico de Quarto Império.

Quando Haroldo de Campos fala da assimilação da "experiência estrangeira", é preciso detectar que tipo de experiência é essa. Se o brasileiro fosse mero reprodutor do que recebe de outras culturas, estaria simplesmente assimilando aquele



determinado conteúdo cultural, através de uma experiência que, apesar de não ser “sua” na origem, possui uma filiação específica e igualmente neurótica. Mas essa não é a experiência que nosso tempo pede.

Oswald criticava “todos os importadores de consciência enlatada”<sup>11</sup>, porque sabia que o Brasil, como coloca Millôr Fernandes, é “a prova de que geografia não é destino” (Fernandes, 2002, p. 65). Isso significa que para ambos a “experiência estrangeira” é a do deslocamento da sujeição nacional, e não a simples deglutição de um outro dado cultural nacional. É escapar da tentação de fronteira, em seus dois extremos: tanto no extremo do patriotismo ufanista, paixão desenfreada pelo território que parece ser próprio, quanto no extremo oposto, o do “complexo de vira-lata”, que não passa de ser a mesma pato-logia patriótica, só que direcionada a outro país. A verdadeira experiência *estrangeira* é a do “Cais Absoluto”, que, como descreve Magno, é o

lugar à beira do não-Haver, quando o conjunto pleno do que há é oposto ao que não-há, o qual, mesmo não havendo, é requerido pelo Haver. Lugar que vincula todos a ele, e não todos entre si. Lugar de máxima afetação e angústia. Lugar do Vínculo Absoluto e da HiperDeterminação (termo retirado de Fernando Pessoa) (Magno, 2003, p. 86).

Lugar que, acrescentamos, não cabe em mapas. Uma experiência que é a de habitar de fato a mobilidade. Uma experiência que, por ser plena, é absolutamente vira-lata.

“Lembremos que utopia significa *em parte alguma*” (Cioran, 2011, p. 92), é o que nos diz Cioran. O autor romeno propõe que Thomas Morus não passa de um repetidor do delírio platônico, o que o torna o “fundador das ilusões modernas” (id., p. 98) sobre a possibilidade de um lugar ideal. E diz ainda que “a própria ideia de uma cidade ideal é um sofrimento para a razão, uma empresa que honra o coração e desacredita o intelecto” (id., p. 98). Tudo isso porque a única utopia possível é viver na referência do *Estrangeiro Absoluto*, o “Cais Absoluto” de que nos fala Magno. Que não pode mais ser o estrangeiro de Camus (Camus, 2010), que beira o fatalismo e a recusa, mas sim o estrangeiro de Humberto Gessinger, que afirma, na letra da música “A revolta dos dândis”<sup>12</sup>, que o sentimento estrangeiro se situa entre a “verdade” (que

<sup>11</sup> Citado em (Bopp, 2008, p. 129).

<sup>12</sup> GESSINGER, Humberto, “A revolta dos dândis”, In <http://letras.mus.br/humberto-gessinger/1636472/> (acesso em 19 de agosto de 2013)



podemos associar à “pátria”) e o “rock inglês” (o “gringo”) – acrescentemos, provando dos dois, sem aderência definitiva, nem a um, nem ao outro. Enfim, a única utopia possível é viver “em parte alguma”, como faz o vira-lata. Ou, melhor ainda: já que a expressão “em parte alguma” denota o risco de uma desistência completa, ou então a entrega ao delírio de vácuo dos melancólicos de tipo freudiano, podemos propor uma mudança sutil, adotando a expressão “em alguma parte alguma”, título do último livro de poemas de Ferreira Gullar. Ela descreve com mais riqueza o exercício da utopia vira-lata de Quarto Império, que vemos no comportamento típico do brasileiro: viver ‘em alguma parte alguma’.

### 3

O terceiro e último ponto sobre a atualidade está na questão do cinismo. Segundo Peter Sloterdijk, o mal-estar freudiano foi substituído pela razão cínica: “o cinismo moderno apresenta-se como o estado de consciência que se segue às ideologias ingênuas e ao esclarecimento dessas ideologias” (Sloterdijk, 2012, p. 31). Essa revelação da ingenuidade das ideologias seria, então, o estopim do cinismo. Como coloca Ricardo Goldenberg, “quando se sabe (...) já temos aberta a via do cínico” (Goldenberg, 2002, p. 35). Mas o que “se sabe”, hoje? Que as ideologias não escapam do perecimento. Que as verdades são sempre parciais e provisórias. Enfim, que as certezas não são tão certas assim. Inclusive as antigas certezas patrióticas, nacionalistas e ufanistas. Magno propõe, então, que o cinismo contemporâneo pode ser uma boa pista para a emergência do Quarto Império:

quem sabe não é preciso atravessar um cinismo generalizado para chegar à Indiferenciação? O cinismo generalizado, segundo esta perspectiva, é apenas um ressentimento em relação ao que se esclareceu, um ressentimento em relação à perda da inocência, à perda da ilusão. Por isso, o mundo ficou cínico (Magno, 2005, p. 140).

Trata-se de uma aproximação radical à verdade do inconsciente e da psicanálise: “o inconsciente é Cínico e sempre foi” (id., p. 186). Para Magno, “o analista tem que ser estrangeiro o tempo todo, pois não há naturalização possível. Ele até pode saber falar a língua local, mas é de fora e não faz turma” (id., p. 117). Isso porque “a psicanálise é obscena: tudo ela põe em cena, tudo que pode, tudo que sabe,

tudo que dantes se escondia na coxia ou na sombra ou até mesmo dentro de um foco, por detrás do recalque” (id., p. 173).

Todo esse quadro parece se encaixar bastante com a figura do vira-lata brasileiro. Aliás, é bom lembrar que o nome “cínico” vem do grego ‘kyov’, que significa justamente “cão”. Os cínicos da época de Diógenes gostavam inclusive de se autodenominar “cães”, ao mesmo tempo que pregavam o desapego dos bens materiais e a busca constante pela independência pessoal. Comportamento muito similar ao que podemos observar na viralatice brasileira como reflexo da entrada do Quarto Império, que exercita o desapego de todos os focos mais rígidos.

Focos como o da pátria. Que escondia e recalcava a enorme floresta sem portas da rede de formações de que somos feitos, cada um de nós. E que parece não convencer o vira-lata, que está sempre *em movimento*. No Revirão do Terceiro para o Quarto Império, podemos perfeitamente cantar o hino dos rivais. E, por que não?, cantar também aquele hino que certos protocolos pontuais elegem como “nossos”. Como fizeram as meninas do vôlei brasileiro, cujo lema parece ter sido: “Revira-lá-tá?, mas retorne disponível na hora de nosso hino, porque faz parte da brincadeira”. Mais do que um “complexo de vira-lata”, como sugeria Nelson Rodrigues, esse parece ser o temperamento oposto, do “vira-lata complexo”, personalidade móbil e sempre estrangeira, típica do Quarto Império, que nos engole, antropofágico. E do qual o brasileiro parece ser a analogia perfeita.

### Referências

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto da poesia pau-brasil**.

In <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf> (acesso em 12 de agosto de 2013)

ARAUJO, Rosane Azevedo de. *A cidade sou eu: o urbanismo do século XXI*. In GRELET, Gilles (org.). **Teoria-rebelião: um ultimato**, pp. 102-104. Rio de Janeiro: Novamente, 2011.

BOPP, Raul. **Vida e Morte da Antropofagia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

CIORAN, Emil. **História e Utopia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FERNANDES, Millôr. **A Bíblia do Caos**. Rio de Janeiro: L&PM, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GOLDENBERG, Ricardo. **No círculo cínico**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

- GRELET, Gilles (org). **Teoria-Rebelião: um ultimato**. Rio de Janeiro: Novamente, 2011.
- GULLAR, Ferreira. **Em alguma parte alguma**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- MAGNO, MD. *A psicanálise novamente*. In DANTAS, Rosane Araújo e ALONSO, Aristides (orgs.). **Pensamento original made in Brazil**, pp. 183-222. Rio de Janeiro: Oficina do Autor editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Comunicação e cultura na era global**. Rio de Janeiro: Novamente, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Clownagens**. Rio de Janeiro, Novamente, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Economia Pulsional: trabalho, apropriação e alienação**. In <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R10-05-MDMagno.pdf>, 2003 (acesso em 11 de agosto de 2013)
- \_\_\_\_\_. **Neurobrás**. In: <http://www.novamente.org.br/download/MD87-Neurobras-rev.pdf>, 1987 (acesso em 19 de agosto de 2013)
- \_\_\_\_\_. **Psicanálise: Arreligião**. Rio de Janeiro, Novamente, 2005.
- REGNAULD, Hervé. *Habitar a Mobilidade*. In GRELET, Gilles (org.). **Teoria-rebelião: um ultimato**, pp. 98-101. Rio de Janeiro: Novamente, 2011.
- RODRIGUES, Nelson. *Complexo de vira-latas*. In **À sombra das chuteiras imortais**, pp. 51-52. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SHOMMER, Aurélio. **História do Brasil Vira-lata**. Anajé: Casarão do Verbo, 2012.
- SLOTERDIJK, Peter. **Crítica da Razão Cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- VELOSO, Caetano. **Antropofagia**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.